

TENTATIVA DE CRESCER COM POUPANÇA EXTERNA É ESTRATÉGIA ERRADA. DIZ BRESSER

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Valor Econômico, 18.9.2009

Entrevista de Sérgio Malucci. Os chineses fazem a política que interessa a eles, e não aos seus competidores

O ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira não se entusiasma com a recuperação da economia brasileira a partir do segundo trimestre nem tampouco com as perspectivas de crescimento mais forte em 2010. Para ele, o Brasil repete hoje os mesmos erros cometidos em grande parte dos anos 90: permite uma valorização acentuada do câmbio e adota a estratégia de tentar crescer com poupança externa, ou seja, com déficits em conta corrente (o resultado das transações de bens, serviços e rendas com o exterior). Se seguir nesse caminho, o país poderá enfrentar uma nova crise cambial em poucos anos, além de ver a continuidade do processo de desindustrialização, avalia Bresser.

Segundo ele, o Brasil sofreu relativamente pouco com a crise global porque as empresas e as famílias estavam bem menos endividadas do que em grande parte dos países desenvolvidos. "Além disso, a regulação do sistema financeiro por aqui é bem melhor do que nos EUA." Bresser diz ainda que as políticas anticíclicas adotadas pelo país surtiram efeito, assim como as medidas de redução dos compulsórios promovidas pelo Banco Central e as desonerações tributárias feitas pelo Ministério da Fazenda. Crítico ferrenho da política monetária, ele considera, porém, que o BC demorou a dar a largada na trajetória de cortes da taxa Selic, iniciada apenas em janeiro, e acha que os juros, hoje em 8,75% ao ano, seguem em níveis elevados.

A reação da economia brasileira não anima Bresser. Ele vê com ceticismo as previsões de que o Brasil poderá crescer 5% em 2010 e, mesmo que isso ocorra em 2011, acredita que o Brasil está muito longe do caminho do crescimento sustentado a taxas robustas. "É claro que eu estou feliz com a recuperação, mas é uma retomada para um padrão de crescimento insatisfatório." Para Bresser, o país pode ser novamente abatido por uma crise cambial num horizonte não muito distante, uma vez que a perspectiva é de continuidade da valorização do câmbio com aumento do déficit em conta corrente - o Itaú Unibanco, por exemplo, prevê um rombo equivalente a 1% do PIB em 2009 e de 2,6% do PIB em 2010.

Se insistir nessa estratégia, o Brasil vai manter taxas de expansão próximas às observadas ao longo dos últimos anos, diz ele. Segundo Bresser, desde 1996 o país registrou um crescimento médio per capita de 3% ao ano, bem abaixo dos 7% obtidos pela média dos outros três países do Bric (Rússia, Índia e China). "Isso é de uma mediocridade profunda", reclama Bresser, fã confesso da estratégia da China. "Os chineses fazem a política que interessa a eles, e não aos seus competidores. Eles administram a taxa de câmbio, equilibram as contas fiscais e mantêm os juros em níveis baixos."

Bresser considera "uma grande bobagem" acreditar que o país pode crescer a taxas robustas com base apenas no mercado interno e na exportação de commodities. É fundamental apostar também na exportações de produtos manufaturados, que têm maior valor agregado e geram empregos de melhor qualidade, diz ele. Para o ex-ministro, o principal problema do país é o nível da taxa de câmbio, cuja trajetória de apreciação prejudica a competitividade de exportadores e de quem compete com produtos importados no mercado interno.

Ele defende o controle de capitais como instrumento para impedir a apreciação exagerada do câmbio, causada pela entrada de dólares provenientes das vendas de produtos como minério de ferro e soja e pelo dinheiro que entra no país pela conta de capitais. Taxas as vendas externas de algumas commodities também seria recomendável, diz ele, para quem os exportadores desses produtos não perdem com a medida, porque compensados pelo dólar mais caro.

Bresser acha difícil, porém, que essas mudanças sejam adotadas neste ou no próximo ano. A percepção da sociedade é que a política econômica é bem sucedida, como indica a alta

popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Se houver alguma alteração, ela se dará em 2011, no começo do próximo governo. Até lá, Bresser vê poucas chances de que o governo mexa no câmbio. O dólar barato tem forte apelo popular, porque aumenta o valor real dos salários. "É o populismo cambial", diz ele, que reprova uma política econômica que não evita a valorização do câmbio e mantém a aposta no crescimento com poupança externa. "Na segunda metade dos anos 90, isso financiou apenas o consumo. Nós tivemos déficit em conta corrente de 4,5% do PIB e a taxa de investimento em relação ao PIB não saiu do lugar."

No caso das propostas do governo para a exploração do petróleo na camada pré-sal, Bresser diz que o governo está no caminho certo. Segundo ele, Lula parece ter entendido a importância de neutralizar a "doença holandesa" (fenômeno pelo qual as receitas de exportações de produtos primários valorizam excessivamente o câmbio, prejudicando a indústria manufatureira). Bresser gosta da ideia da adoção do regime de partilha - em vez do sistema de concessão - para explorar o petróleo, e elogia a iniciativa de criar um fundo soberano para receber os recursos. Com isso, deve ser possível evitar uma inundação de dólares, que acentuaria a tendência de apreciação do câmbio que já existe.

Assuntos como esses farão parte das discussões do 6º Fórum de Economia da Escola de Economia de São Paulo (EESP) da FGV, do qual Bresser é o coordenador. O evento, que tem como tema "Crise global e o pós-crise", ocorrerá na segunda e na terça-feira da semana que vem. Os ministros da Fazenda, Guido Mantega, e da Casa Civil, Dilma Rousseff, vão participar. Também estarão presentes economistas como o ex-ministro Antonio Delfim Netto, o diretor da EESP, Yoshiaki Nakano, e o ex-presidente do BC Ibrahim Eris, assim como empresários como André Gerdau Johanpetter, da Gerdau, e Michael Klein, da Casas Bahia.